

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

תְּלִפְיָד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA
Rua da Restauração, 817-2.º
PORTO

BÍBLIA

*Venero-te, Moisés, como Profeta
Libertador sublime dos hebreus!
Quebraste algemas e rasgaste os véus
De escuridão da nossa vida inquieta.*

*Venero-te, Moisés, como Profeta
Que transmitiu ao Mundo a voz de Deus,
A doce voz que veio lá dos céus
E nos legastes em frases de poeta.*

*Estas páginas belas que hoje lemos
São cântico de amor, onde aprendemos
Toda a Lei, todo o Bem, toda a Verdade!*

*Venero-te, Moisés, porque escreveste
Estes livros sagrados em que deste
Teu próprio coração à Humanidade!*

HANID ESTELA

22-7-1950

VIDA LITERÁRIA

JOSÉ DE ESAGUY

HISTORIADOR E POETA

Em todas as épocas tem havido, em Portugal, grandes e ilustres escritores que sempre souberam amar e honrar a sua pátria, oferecendo-lhe generosamente tudo quanto havia de melhor em si próprios: o seu talento, o seu génio.

Folheando, ao acaso, a nossa História da Literatura, nós sentimos orgulho e consolação por nela encontrarmos tantos portugueses que se tornaram célebres pelas suas obras e que, com elas, engrandeceram também o pequeno país a que pertenciam.

Embora nem todos atingissem a celebridade de Camões, Bocage, Bernardim, António Vieira, Antero, Junqueiro, João de Deus, e tantos outros; embora muitos desses escritores não tivessem sido tão geniais, a todos devemos estar gratos, porque todos eles deram a Portugal aquilo que souberam e puderam dar e todos o fizeram com o mesmo carinho, com o mesmo amor, com a mesma dedicação.

Por isso, os mais modestos, os mais apagados, não devem ser esquecidos nem devem deixar de merecer a nossa simpatia e o nosso reconhecimento.

Entre todos estes escritores, encontramos também alguns que eram judeus ou, talvez mais justamente, portugueses de religião hebraica, pois eram tão amigos da sua pátria como os outros e se alguma diferença havia entre eles, era motivada, simplesmente, pela religião e nada mais.

A verdade é que, católicos ou judeus, protestantes ou ateus, todos são filhos do mesmo Deus e da mesma Pátria, todos estão unidos pelo mesmo amor à terra em que nasceram e a todos vemos, através da História, desde Afonso Henriques, lutando lado a lado e morrendo, heróicamente, pela independência e glória da Nação.

Não há, pois, nenhuma justificação pos-

sível para a diferença que certas pessoas ainda pretendem fazer, entre portugueses e portugueses judeus. É absolutamente absurda.

Estas palavras vêm a propósito de um livrinho de versos, de José de Esaguy, que acabei de ler agora.

José de Esaguy é um nome bastante conhecido, entre nós, como bom e ilustre português e como o maior historiador do que foi o esforço lusitano em Marrocos.

Os admiráveis livros: «A vida do Infante Santo», «Relato inédito sobre o desembarque de El-Rei D. Sebastião em Tânger», «O minuto vitorioso de Alcácer Quibir», «Alcácer Quibir, 1578», «O Livro Grande de Sampayo», com centenas de documentos inéditos e interessantíssimos sobre Ceuta, e «Marrocos», monumental, histórico e artístico, obra magnífica em 12 tomos, e ainda outros livros sobre a nossa História, em Marrocos, chegam bem para que o seu nome seja sempre lembrado por todos os portugueses.

Mas José de Esaguy — que foi também chanceler do nosso consulado em Tânger — não se limitou a escrever os seus preciosos livros. Levou o seu patriotismo mais longe ainda: por sua iniciativa, fizeram-se escavações nos campos tristes de Alcácer Quibir — onde ficou sepultada a nossa melhor mocidade dessa época e onde, tão trágicamente, se perdeu o jovem Rei-Sonhador, perdendo-se com ele a nossa própria independência — para encontrar as ossadas desses heróis portugueses e trazê-las, carinhosamente, para a terra querida que tanto amaram e tanto quiseram engrandecer.

Este piedoso gesto, talvez mais ainda do que toda a sua admirável obra, revela bem como era verdadeiramente português o coração de José de Esaguy!

E tão português que não podia deixar de ser, também, poeta...

Nos seus primeiros livros: «Oração à Pátria» e «Adeus», afirma-se já como poeta de apreciáveis qualidades.

As suas poesias, duma profunda tristeza — uma tristeza muito irmã da de António Nobre e, algumas vezes, de José Duro — têm beleza e ritmo. Aos dezanove anos, não seria possível fazer melhor.

Já nessa época e apesar da sua juventude, passa por todo o livro, dolorosamente, a sombra da morte, da morte que o poeta pressentia que em breve o viria buscar:

«Olha, mamã, quando eu morrer, no outono,
Irás à minha campã adormecida,
Para embalares o berço do meu sono:
Lançar-me as flores que eu adorei em vida.»

A sua poesia «Alma», é uma das mais belas:

«Diz-me para onde partes,
Aonde vais repousar?
Tu não tens manhas e artes
P'ra a este mundo voltar?...
Tu não tens, bem sei, minh'alma,
Nem forças p'ra regressar...
Tu és mais leve que a palma
E menos densa que o ar...
Como o corpo, tu não sentes?...
O' alma tu partirás
Para os corpos doutras geutes?...
Servir alguém, tu não vãs!»

E' pena não podermos transcrever a poesia completa, mas falta-nos o espaço. Não resistimos, porém, ao desejo de transcrever um bocadinho desta, tão gentil:

«Flor cativante e amiga,
Deus te bendiga,
E o mesmo para mim o teu amor.
Tantas lágrimas, tantos prantos,
Para que servem, flor?»

Olha, criança linda,
Espera ainda
Que a minha vida torne a florescer...
Com prantos que tu lhe deste
E com o teu viver!...

Mas, olha que um cipreste,
Tristonho e agreste,
A sua negra sombra me quer dar!
E eu tenho dó de ti, criança,
Por não te ver e amar.»

E ainda este pedacinho de «Ao surgir da Primavera».

«Florescem rosas e boninas
Tão pequeninas,
Tão pequeninas e gentis.
Em tudo surge a Primavera...
Ai quem me dera
Sentir a esperança que sentis...»

Era assim, em 1919, a poesia de José de Esaguy. Triste e delicada.

Neste seu livro póstumo, «Versos», publicado lá este ano; há também poesias de melancólica beleza:

«Lá, nessa pedra fria de desgosto,
Onde meteram todos os teus sonhos,
Não tenhas pena deste Sol de Agosto —
Porque os sonhos da vida são medonhos.»

E este fragmento de uma das suas últimas poesias, escrita em Tânger em 1941, em que se confunde o historiador com o poeta:

«Nem António de Faria
Dos túmulos de prata:
Nem mesmo a fantasia
De Fernão Mendes Pinto;
Nem todo o labirinto
Da perda d'Azamor;
Nem o mistério dos Paços,
Podem suprir alguma vez
No meu espírito de português
Um dos abraços dos teus braços.»

Na tua ausência
Isto parece
O anti-Atlas
Do Saará da Vida...
Só o volume das águas
Faz meditar os ausentes...
Tristezas de Portugal
Aumentam as minhas mágoas...
Ah! se eu pudesse
Seria Corte Real
E unia os continentes!»

Fecha o livro esta poesia, tão pequenina e tão amargamente humana e real:

«Às vezes sofro e penso, sem querer...
E, nesta luta imensa de viver,
Nada há que desvie a minha sorte.

Não pôde o meu destino desfazer.
E tanto medo tenho de morrer...
E tantas vezes peço a Deus a morte.»

E a morte, que sentimos pairar sobre quase todas as poesias, levou para sempre José de Esaguy no dia 15 de Fevereiro

ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

por DAVID BERMAN, RABI DA COMUNIDADE DE BRUXELAS

(Continuação do número (151))

CAPÍTULO XII

Sukoth

I — Símbolos Campestres

Destas três correntes de santidade que atravessam a vida judaica durante o período anual só a festa de Sukoth conservou o seu carácter agrícola. Durante sete dias procissões se fazem na sinagoga com ramos de palmeira (lulab) e cidrões (ethrog). Além disto os fiéis fazem acto de permanência em caramanchões de verdura (Sukoth) que, tendo um carácter campestre, tem um sentido simbólico, e testemunham da vontade de se meter sobre a protecção divina (hapores sukoth shalom...). Esta festa é encerrada no oitavo dia (shemini atsereth) pela invocação das chuvas fecundas que prepararão a terra para uma nova primavera. Um novo dia vem coroar a própria festa e a série das festas do ano por uma festa da Lei (Simhath Torah).

II — Carácter espiritual

A Thorah sendo a origem das alegrias mais profundas (ver a segunda bênção da noite), é uma grande festa que o dia em que um capítulo ou um tratado pode ser acabado. O dia de Simhath Torah é aquele em que a Sinagoga acaba regularmente a leitura dos Cinco Livros de Moisés

e se retoma o princípio. Mas os fiéis piedosos não esperam o fim do ciclo regulamentar: cada vez que eles terminam um capítulo da Bíblia, da Mishnah ou do Talmud, eles celebram uma festa de fim de estudos, chamada *Silume*. O último dia de Sukoth é o grande *silume* do ano, onde o fiel que teve a honra de encerrar a leitura, tem também a de a retomar pelo começo, são *eleitos* (hathan Thorah e hathan bereshith).

É por estas consagrações periódicas que o sentimento de santidade e o seu auxiliar, o amor da Thorah, relevam a vida judaica, e a mantêm a um nível constante de elevação espiritual.

CAPÍTULO XIII

Os Dez Dias de Exame de Consciência

II — Grandes Solenidades

Nós vimos, para o período Semanal, que a santidade, como tudo o que é sentimento, não podia manter-se constantemente a uma altura igual, e que era preciso regenerar-se de tempos a tempos. O Sábado é encarregado deste officio para um curto período, e, para o ano, há igualmente um grande sábado que é o dia do Perdão (Yom Kipur). Este dia é preparado por um período de Dez Dias de Penitência ou de Exame de consciência, que se abre pela

de 1944. Era ainda bastante novo e estava em pleno triunfo da sua carreira diplomática e literária.

Foi pena, porque havia muito a esperar do seu talento. Portugal perdeu, nesse dia, um dos seus melhores filhos; um grande historiador e alguém que tinha nascido realmente poeta.

Sentimos, ao ler este pequeno livro, que a sua obra não ficou completa. José de Esaguy devia ter vivido mais alguns anos, para nos poder entregar toda a sua mensagem de beleza.

Sinceros cumprimentos.

HANID ESTELA.

solenidade de Rosh Hashanah (Ano Novo). É pois todo este período dos dez dias, dos quais Kipur é a conclusão, que corresponde no ano o que o sábado é na semana e que é destinado a renovar o nosso fundo de santidade.

CAPÍTULO XIV

Rosh Hashanah

Bem que o mês de Tishri não seja o primeiro do ano, nós devemos considerá-lo como tal, moralmente, da mesma maneira que nós consideramos o mês de Outubro como o início do ano escolar bem que ele seja o décimo do calendário; porque, no ponto de vista israelita, é neste mês que se procedem ao renovamento moral dos fiéis, que ali são convocados pelo apelo do *shofar* (buzina de chifre de carneiro). Para melhor exprimir a ideia da grande purificação das nossas consciências, que é celebrada por este dia como pelo de Kipur, os fiéis tinham outrora o hábito de se apresentarem na sinagoga vestidos de branco. É nesta disposição de espírito que eles se preparavam a retemperar-se na vida religiosa, e daí tirar uma nova provisão de energia espiritual para o ano que vem, a afirmar-se no reconhecimento do Reino de Deus, e a aceitar a sua vontade, como outrora Abraham, prestes a lhe abandonar Isaac.

CAPÍTULO XV

Yom Kipur

Este retorno sobre nós mesmos termina solenemente pelo grande dia de Kipur. Este que se caracteriza por um jejum de vinte e quatro horas, nos dispõe a ficar constantemente senhores dos nossos apetites. O seu valor é feito do pensamento que nós lhe pomos. A um pagão que não apanhava o sentido profundo dos ritos da vaca ruiva, cujas cinzas deviam servir para confeccionar a água de purificação, Rabbi Yohanan Ben-Zakai respondia: certamente, não é a água por si própria nem as cinzas que purificam, mas é a influência que o rito exerce (Tanhumah Hakaton). Da mesma maneira para o que é de Kipur, não é tanto o jejum nem as numerosas orações que, lhe determinam o valor como a nossa

própria vontade de velar pelo valor dos nossos actos.

Esta ideia é lembrada aos fiéis na leitura complementar à Lei, que é tirada duma passagem do profeta Isaías, onde este exclama com o ardor que o caracteriza: «É que o jejum consiste em curvar a cabeça como um cana?... Não, não, eis o jejum que Deus deseja: desatai os cintos da maldade, rompei os feixes da iniquidade, dai a liberdade aos oprimidos, quebrai as tiranias, partilhai o vosso pão com os necessitados, dai hospitalidade aos infelizes e vestidos aos que vão nus, e não vos desinteresseis do vosso próximo. Então somente a vossa oração irá a Deus.» (Isaías LVIII, 5-8).

Esta sinceridade cultivada por este dia é ainda reforçada pela cerimónia que inaugura a solenidade, na véspera à noite, e que pede conta aos fiéis dos compromissos que eles teriam podido tornar levemente e que teriam esquecido de manter. Dali vem este nome de Kol Nidré, primeiras palavras invocação que abre o grande dia de Perdão e onde se pede em primeiro lugar o perdão de todo o compromisso não cumprido, mesmo involuntariamente.

Esta oração, como de resto todos estes dias de Penitência tem por fim tornar-nos vigilante do lado dos nossos pontos fracos, e de incitar a nossa vontade a levar aos dias que seguirão um vigor novo no cumprimento dos nossos deveres e na nossa conduta na vida.

(Continua).

Em organização:

Posto de Socorros clínicos do **Marghen Adom** (Sino vermelho) **Albergaria Escolar Israelita** para alunos dos cursos religiosos da Comunidade.

Sede provisória: **Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO**

PEDEM-SE DONATIVOS

Visado pela Comissão de Censura

NOSSAS PERDAS

Rabi Dr. Marcus Ehrenpreis

Faleceu a 26 de Fevereiro de 1951.

Sábio e autor de diversos livros; um dos primeiros colaboradores de Herzl.

Rabi-mor da Bulgária e depois da Suécia.

Um dos seus livros, que aconselhamos aos nossos leitores, na sua tradução francesa de «Les Editions Rieder—7 Place Saint-Sulpice — Paris» tem o seguinte título:

**Le Pays entre Orient et occident
voyage d'un fuif en Espagne**

par

MARC ÉHRENPREIS

Rabbin de Stockolm

Avec une preface par Israel Levi grand-Rabbin du Consistoire Central des Israélites de France.

A tradução deste prefácio é a seguinte:

PREFÁCIO

Na história dos Judeus, a Espanha ocupa um lugar privilegiado. Do X.º ao XV.º século, sob a dominação dos Árabes e mesmo sob a dos Cristãos, os Judeus tomam parte na vida pública eles fornecem aos Estados da península homens de Estado, diplomatas, financeiros; de outra parte, eles tiveram uma brilhante cultura, produziram poetas, filósofos e sábios que contam entre os maiores da literatura judaica. Se o édito de expulsão de 1492 pôs o ponto final a esta actividade política e intelectual — porque a Espanha é o único país da Europa que, tendo expulsado os Judeus na Idade-Média, não os tornou a chamar, talvez porque ela não está ainda completamente emancipada da Idade-Média — a recordação dum passado glorioso, mantido pela tradição entre os Sefardim, despertada pela ciência histórica entre os outros judeus, nos comove ainda hoje.

M. Ehrenpreis, que estudou a história judaica como sábio, que, durante o seu rabinato-mor da Bulgária, recolheu a tra-

dição sefardita num dos seus lares, M. Ehrenpreis teve a curiosidade intelectual e a altura de vistas que lhe era preciso para compreender o patético destino da Espanha e do judaismo espanhol. Peregrino apaixonado tanto como erudito, ele não se limitou a visitar como turista os monumentos e os vestígios dum passado abolido; ele soube fazer reviver as paisagens e os homens, os homens nas paisagens, Gabirol em Malaga, Judah Halevi em Toledo, Maimonides em Córdoba. Ele não se encerrou no horizonte das *judarias*; espírito aberto e compreensivo, ele procurou penetrar o génio da Espanha contemplando as telas de Velasques e do espanhol dos nossos dias; nada é mais comovente que a sua palestra com um padre na antiga sinagoga de Toledo.

O Sefardismo reflorirá no Marrocos espanhol, onde M. Ehrenpreis seguiu num dia de estio, os descendentes dos judeus de Andaluzia, ou bem em Portugal, onde ele observou com uma emoção comunicativa a revivência dos Maranos? Deus o sabe. Mas se o judaismo espanhol não estava destinado a sobreviver senão na literatura, as impressões de viagem, tão evocadoras, de M. Ehrenpreis favorecerão inteligentemente esta ressurreição.

ISRAEL LEVY.

Rabbi Ehrenpreis neste seu livro fala largamente com emoção de *Les Marranes du Portugal*.

Adolfo Lemschen

No dia 14 de Fevereiro foi sepultado no Cemitério de Agramonte do Porto, este bondoso israelita de origem alemã, com o ritual israelita sendo oficiante o director do *Ha-Lapid*.

Helene Windmuller

No dia 11 de Março foi sepultada no Cemitério de Nevogilde — Foz do Douro — Porto esta bondosa senhora de origem alemã, com o ritual israelita sendo oficiante o director do *Ha-Lapid*.

Marcel Goldschmidt

No dia 25 de Março faleceu em Lyon o nosso bom amigo Marcel Goldschmidt, digno membro honorário da Comunidade Israelita do Porto.

Siegfried Weinberg

No dia 23 de Abril faleceu na Foz do Douro este bondoso Kohen da Comunidade do Porto de origem alemã. Foi sepultado no Cemitério Israelita de Lisboa.

Rabi-mor de Israel

Benzion Uziel

Rishon le Zion

Faleceu em Israel no dia 5 de Setembro de 1953.

Rabi Shemtob Gaguin

Faleceu em Manchester no dia 30 de Julho de 1953.

A morte do Rabi S. Gagin privou a Anglo-Jewry e a Spanish and Portuguese Congregation na Grã-Bretanha de um grande estudioso.

Nasceu em Jerusalém em 1885, foi Dayan no Beth-Din do Cairo desde 1912 a 1919. De 1919 a 1926 foi Rabi da Withington Sephardi Congregation, onde o seu filho Rev.º Maurice Gaguin é agora Ministro Oficiante.

Durante 25 anos, desde 1925 a 1951 este grande estudioso era Principal do Montefiore College em Ramsgat. Durante grande parte deste período foi Ab Beth-Din da Sepanish and Portuguese Congregation na Grã-Bretanha. Ele é o autor de muitas obras de grande valor, a mais important das quais é «Keter Shem Tob» a qual consta de numerosos volumes dois dos quais foram publicados e receberam franco reconhecimento entre os estudiosos talmudistas através do mundo.

Ele escreveu uma breve obra sobre os judeus da Índia e contribuiu com numerosos artigos em publicação escolásticas. Ele foi o editor do órgão do Montefiore College «Yehudith». Ele era um sionista

Casamento na Sinagoga Judaica

Com o ritual próprio, consorciaram-se ontem, ao princípio da tarde, na sinagoga da Rua Alexandre Herculano, a sr.ª D. Clara Baruel, filha do sr. dr. Elias Baruel e da sr.ª D. Alegria Levy Baruel, e o sr. Marcos Zagury, comerciante, filho do sr. David Zagury, já falecido, e da sr.ª D. Paloma Zagury.

A cerimónia foi celebrada pelos rev.ºs Salomão Cohen e Abraham Assor, e, de acordo com os preceitos israelitas, sobre o tálamo colocado ao meio do templo.

Foram padrinhos, civilmente, por parte da noiva, o sr. Fortunato Levy, e esposa; e por parte do noivo, a sr.ª dr.ª Sara Benoiel e o sr. Buzaglo; e religiosamente, respectivamente, pela noiva e noivo, o sr. dr. Elias Baruel e a sr.ª D. Alegria Baruel, e o sr. Abraham Zagury.

Assistiram ao casamento cerca de 400 convidados, entre eles os srs. ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Mendes Morais, eng.º Paulo Barros, Carlos Ribeiro Ferreira, dr. Augusto Travassos, profs. Salazar de Sousa, Diogo Furtado, Henriqe Vilhena e Mosés Amzalak, dr. Sequerra, Lucas de Sousa e José Abecassis, etc.

(Notícias de Lisboa) — De *O Primeiro de Janeiro* — Porto, 18 de Março de 1954.

Solenidades em 1954

Purim — 19 de Março

Páscoa — 18 de Abril

Shabuoth — 7 de Junho

9 de Ab — 8 de Agosto

Rosh Hashanah — 28 de Setembro

KiPur — 7 de Outubro

Sukoth — 12 de Outubro

Hanukah — 20 de Dezembro

convicto filiado na Zionist Federation of Great Britain and Ireland.

Visitou com sua esposa a sinagoga do Porto onde a sua amabilidade atenciosa se tornou muito simpática a todos que tiveram a honra de o conhecer.

MEMORIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 151)

II Edição — A segunda foi a que se fez com a Parafraze Caldaica de Onkelós e os Comentários de Rabbi Salomão jarchi em Lisboa no ano de 1491 por Zorcheo filho de Rabbi Eliezer em 2 vol. em 4. O carácter do Texto e o da Parafraze é quadrado com pontos e acentos, aquele maior e este menor. É esta obra de muita raridade (É em 4.º e não em fol. como alguns escreveram).

Há poucos exemplares. J. B. de Rossi tinha um por donativo de Elias Levi Presidente da Sinagoga dos Judeus de Alexandria. Há outro na Biblioteca Real de Paris; outro na de Londres, o qual conferiu Kennicott, em 1767 havendo isto por grande benefício, que lhe havia feito o Rei da Grã-Bretanha e este Código era havido por ms.; outro tinha Moisés Foa Livreiro Regiense, segundo atesta Rossi no c. VI pág. 45, 46 da *Orig. da Tipografia Hebraica*).

Merecimento particular desta Edição — Foi ela trabalhada mui exactamente sobre os mais antigos e mais correctos Códigos de Espanha e segundo todas as regras da crítica Judaica; e acabada antes do desterro da Nação pelos Judeus mais sábios de Espanha e Portugal. Eles tinham em grande estima por sua magnificiência e primor, e pela sua correcção Masorética; e certo que é a edição mais correcta, mais elegante, e mais perfeita de quantas se fizeram do Pentateuco. (Quanto à sua elegância Le Long e Rossi a tem por muito bela e primorosa, e este é o juízo que dela fazem os mesmos Judeus. Quanto à sua

correcção, além do que acima dissemos, lá disto testemunho entre outros o grande crítico Louzano, que na obra *Or Toráh* fol. 23 põem esta edição pela mais correcta e apurada de quantas se haviam feito, *Edisio Lusitana*, diz ele, *est omnibus editionibus accuratior*.

E tanto era assim, que em um Livro, em que se continham as regras, de que haviam usar os tipógrafos nas impressões do Pentateuco, se lhes mandava seguir sempre a este exemplar do Pentateuco Olissiponense; e hoje é uma regra de crítica sagrada para os Judeus recorrer entre as antigas edições a esta Lisbonense, dando-lhe a mesma preferência entre as antigas, que costumão dar entre as modernas às duas Lombrosiana e Norziana de Amesterdão (Rossi *ao vol. I Var. Lut. Vet. Test.* p. XXXVIII § XXXIV. Pelo que parece, que a não viu o Autor Anónimo das Notas na *Biblioteca crítica* de Ricardo Simão vol. 3 pág. 451 que sem razão alguma a fixou de *pouco exacta, e trabalhada sem algum cuidado, e elegâncias, como obra feita para uso do povo*. Desta edição fala Rossi no Livro *Orig. da Tipogr. Hebraica* c. VI pág. 45 e 46.

Talvez, que a edição do Pentateuco Hebraico sem pontos com a Parafraze Caldaica de Onkelós e Comentários do Jarchi, que se diz publicada em Sória em 1490 de que dão notícia Fabrício, Wolsio, Le Longe, e Mattaire, tosse também feita em Portugal, como suspeita o mesmo Rossi pág. 36, 37 e 38.

(Continua).